

DES-RE-TERRITORIALIZAÇÃO EM O VENDEDOR DE PASSADOS DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA: UMA LEI- TURA SOBRE ESPAÇO E PODER

Stella Montalvão
(Universidade de Brasília)

RESUMO

A literatura africana pós-colonial enfrenta hoje desafios impostos por um processo histórico ímpar: integrar processos como o da globalização, que alarga fronteiras e discute a identidade, e o da construção de uma identidade nacional. Nesse contexto, relações de poder se instalam no e através do próprio espaço que se ocupa, em que se vive e pelo qual estabelecemos nossa identidade, ou não. Esse trabalho tem por objetivo destacar as relações de poder que enfrentam os personagens da obra *O vendedor de passados* de José Eduardo Agualusa, em sua busca pelo estabelecimento de um espaço próprio, de um território, na concepção desenvolvida por Haesbaert.

PALAVRAS-CHAVES: literatura angolana, Agualusa, desterritorialização.

ABSTRACT

The post-colonial African literature today faces challenges of a unique historical process: integrating processes such as globalization, that extends boundaries and discusses the identity, and the construction of a national identity. In this context, power relations settle in and through the very space that is occupied, in which we live and by which we establish our identity, or not. This paper aims to highlight the power relations that face the characters of *O vendedor de passados* by José Eduardo Agualusa in their quest for establishing its own space, a territory, in the concept developed by Haesbaert.

KEYWORDS: Angolan literature, Agualusa, deterritorialization.

Atualmente, a produção literária pós-colonial africana e lusófona tem despertado profundo interesse no Brasil. Países africanos que, tal como nós, foram colônias portuguesas, mas que alcançaram sua independência somente no decorrer do século XX, encontram-se atualmente diante da necessidade de construir uma identidade nacional, ao mesmo tempo em que globalização e pós-modernidade, como fenômenos de alcance político, social, econômico e cultural, precisam ser atualizados diante da realidade concreta desses países. A literatura africana pós-colonial enfrenta, assim, desafios impostos por um processo histórico ímpar. Afirma Inocência Mata (2000):

as literaturas africanas de língua portuguesa participam da tendência – quase um projeto – de investigar a apreensão e a tematização do espaço colonial e pós-colonial e regenerar-se a partir dessa originária e contínua representação. Os significadores desse processo, que constituem a singularidade da nossa pós-colonialidade literária, são potencialmente produtivos: sinteticamente dizem respeito a uma identidade nacional como uma construção a partir de negociações de sentidos de identidades regionais e segmentais e de compromisso de alteridades. O que as literaturas africanas intentam propor nestes tempos pós-coloniais é que as identidades (nacionais, regionais, culturais, ideológicas, sócio-econômicas, estéticas) gerem-se da capacidade de aceitar as diferenças. (s.p.)

O vendedor de passados, romance de José Eduardo Agualusa, escritor angolano contemporâneo, é representante desse processo de construção de uma literatura que reflita tanto as questões próprias do contexto histórico angolano, quanto o processo de globalização no qual Angola está também inserida, tematizando o espaço como construção social e de identidade.

É evidente que, nas Ciências Sociais, identidade e espaço têm uma relação profunda. Desde o surgimento do Estado-Nação ocidental, passando pela Revolução Industrial, pertencer a um determinado território sempre esteve no centro da concepção de uma “regionalidade”, uma identidade pela região. A eficácia dessa visão da identidade fundamentada na localização espacial se construiu a partir de dois eixos: a dominação estatal e a autoidentificação dos sujeitos, ou seja, pela efetivo exercício do poder estatal no estabelecimento de uma comunidade que a ele se submete, mas a cujas necessidades deve atender. Dessa forma, construiu-se a concepção naturalizada de que “entre os acidentes geográficos da superfície da Terra, destacam-se as fronteiras, e estas qualificam povos, cujo caráter vai sendo moldado num ininterrupto intercâmbio com seus torrões natais.” (MORAES, 2000, p. 167).

No entanto, a realidade de hoje nos mostra a necessidade de rever esses conceitos. A mobilidade crescente de pessoas, ideias, mercadorias e capital, a diluição das fronteiras nacionais e o surgimento de blocos regionais, a reafirmação da identidade nacional e o recrudescimento da intolerância étnica e cultural, são todos componentes de um mesmo panorama que precisa ser melhor compreendido. E esse panorama mostra-se ainda mais complexo na África pós-colonial. Afirma Moraes:

Nos países de formação colonial notadamente os da periferia ultramarina ou do capitalismo hipertardio, a questão nacional emerge com vigor num quadro de identidade problemática. A ruptura com os laços tradicionais de dominação (os coloniais) implicava a construção de um novo Estado. O fato de que, na maioria dos casos, tais processos tenham transcorrido como modernizações conservadoras, não minimiza a necessidade de construir novas formas de legitimação da unidade “nacional” Por outro lado, tais países também conhecem certa centralidade da dimensão espacial na armação de sua sociabilidade. São países que se originam de processos de expansão territorial e ocupação de espaços. (MORAES, 2000, p. 168).

Nesse debate, questões como espaço e território tomam a forma de processos em contínua transformação. Mais importante hoje do que pertencer a um território é ter a capacidade de, ao se deslocar no espaço, se territorializar. E, ao permanecer em um mesmo espaço, não ser desterritorializado.

Haesbaert, geógrafo e pesquisador brasileiro, defende que o conceito de desterritorialização, cada vez mais presente nos debates em que se busca relacionar território e globalização, tem origem, na maior parte das vezes, em uma concepção estática e a-temporal de território, tornando-se assim,

o discurso da(s) mobilidade(s), tanto da mobilidade material – onde destacamos a mobilidade de pessoas – quanto da mobilidade imaterial – especialmente aquela diretamente ligada aos fenômenos de compressão espaço-tempo, propagada pela informatização através do chamado ciberespaço. (HAESBAERT, 2007, p. 236).

Dito de outra forma, esse ponto de vista que vê o território como espaço geográfico natural, concreto e delimitado por fronteiras bem definidas, assume que desterritorialização é um processo que se realiza na mobilidade, na fluidez de uma globalização que, por meio principalmente da tecnologia, provoca uma aceleração do tempo e uma relativização do espaço.

No entanto, se optarmos por uma concepção mais integralizada de território, partindo de suas múltiplas dimensões históricas, culturais, temporais e sociais, então território passa a ser espaço relacional, de confronto. Mais do que simples elemento constituinte de um Estado nacional, ele assume a configuração de processo – territorialização – “fruto da interação entre relações de poder em sentido amplo, ao mesmo tempo de forma concreta (dominação) e mais simbólica (um tipo de apropriação).” (HAESBAERT, 2007, p. 235). Assim, território é compreendido como o que se constrói na medida em que dotamos o espaço de função e sentido. E este só se pode constituir a partir de um processo de domínio e/ou apropriação.

No mundo globalizado, portanto, espaço e poder estão intimamente relacionados. E é nesse confronto que se estabelece o território, e

não na mera flexibilização de fronteiras e em uma maior mobilidade de pessoas e/ou mercadorias e capitais. Argumenta Haesbaert nesse sentido:

assim como a territorialização pode ser contruída no movimento, um movimento sobre o qual exercemos nosso controle e/ou com o qual nos identificamos, a desterritorialização também pode ocorrer através da “imobilização”, pelo simples fato de que os “limites” do nosso território, mesmo quando claramente estabelecidos, podem não ter sido definidos por nós e, mais grave ainda, estar sob o controle ou o comando de outros. (HAESBAERT, 2007, p. 236-237).

Dessa forma, um homem de negócios não é um desterritorializado por estar em constante movimento, pois o mesmo mantém controle do seu espaço, promovendo um processo de reterritorialização no próprio movimento, em sua repetição. O mesmo ocorre com o nômade. Afirma Haesbaert: “O que importa aqui é a presença de um processo de domínio e/ou apropriação que dota o espaço de função e expressividade. O espaço do nômade, em seu movimento repetitivo e sob controle, é este espaço-território funcional-expressivo”. (HAESBAERT, 2007, p. 243). Assim, a partir dessa mesma lógica, quem vive em gueto é um desterritorializado, já que os limites do espaço que ocupa foram determinados por outrem que o domina.

Visto assim como processos, fica claro que não é possível falar de desterritorialização sem considerar a reterritorialização, já que em uma relação de forças por si mesma dinâmica, o desterritorializado está sempre em busca de reconstituir seu território, de se reterritorializar.

Em *O vendedor de passados*, romance a que nos propomos a analisar, as questões de territorialização e reterritorialização são parte essencial na relação das personagens com o espaço que ocupam. Ao tematizar conceitos como identidade em contexto pós-colonial e de globalização, José Eduardo Agualusa constrói um mundo ficcional em que diversos personagens são exilados, viajantes, emigrantes em outras terras ou, ainda, estrangeiros em sua própria terra.

O enredo desse romance envolve basicamente cinco personagens principais. O narrador é uma osga, um tipo de lagartixa, que vive na casa de Félix Ventura. Félix Ventura por sua vez, é um negro albino que tem como profissão inventar passados ilustres e grandiosos para a classe emergente na Angola. A esses dois personagens se somam José Buchmann, fotógrafo de guerra, de origem incerta, que busca os serviços de Félix para criar uma nova identidade; Ângela Lúcia, uma angolana, também fotógrafa, que viaja pelo mundo a colecionar fotos de paisagens naturais e, por fim, Edmundo Barata, angolano, comunista assumido, ex-agente do governo, que agora vive como vagabundo nas ruas de Luanda.

O enredo é desenvolvido em torno das memórias, do passado de cada um. Félix é um albino rejeitado, que foi abandonado na casa de seu pai adotivo. A osga, que recebe de Félix o nome de Eulálio, foi homem na sua encarnação anterior. José Buchmann que, ao final do livro, descobrimos ser

o exilado Pedro Gouveia, retornou a Angola em busca de vingança. Ângela Lúcia, que é filha de Pedro Gouveia, perdeu a mãe, foi torturada ainda bebê e, ao saber do seu passado, saiu em busca do pai. Edmundo Barata é o torturador procurado por Pedro Gouveia.

Cada um deles se relaciona com seu espaço, com Angola, de forma peculiar. Há o exílio de Pedro Gouveia e seu processo de se tornar novamente angolano; as viagens de Ângela em busca de seu pai; o exílio em sua própria casa de Félix Ventura e Eulálio, devido ao ambiente inóspito; a decadência de Edmundo Barata, antigo torturador, obrigado a viver nas ruas. Assim, cada um deles traz uma identidade por meio de sua história, seu passado, suas memórias, mas cada um deles, a partir das relações de poder a que estão submetidos, sofrem um processo de desterritorialização e partem em busca de reconstruir sua própria identidade no processo de reterritorialização que empreendem.

1. A CASA DE FÉLIX VENTURA E DA OSGA EULÁLIO

Eulálio e Félix Ventura, desde o início da narrativa, estabelecem uma relação profunda, de parentesco. Afirmo Félix: “Péssima pele, a sua. Devemos ser da mesma família.” (AGUALUSA, 2005, p. 4). E é como amigos que se cria uma relação de identificação entre eles, segundo o narrador Eulálio: “Conversamos. Ou melhor, ele fala, e eu escuto. Às vezes rio-me e isso basta-lhe. Já nos liga, suspeito, um fio de amizade.” (AGUALUSA, 2005, p. 5).

Eulálio e Felix Ventura são exilados em sua própria terra, em sua própria casa. São parceiros, são da mesma família. Dessa forma, Eulálio pode trazer suas impressões, que são também as de Félix: “Nasci nesta casa e criei-me nela. Nunca saí.” (AGUALUSA, 2005, p. 3). Afinal, se Félix pode sair de casa, tal como Eulálio, ambos sabem que devem evitar essas saídas, pois o ambiente fora dela é hostil: sua própria natureza os perturba, a estranheza e o asco que despertam nas pessoas os restringem.

Sua condição de albino se reflete na dificuldade de se “salvar do duro tormento do sol” (AGUALUSA, 2005, p. 85). O albino expressa a percepção de sua inadequação: “sou um homem sem cor –, disse-me: e, como você sabe, a natureza tem horror do vazio. (...) Já reparou que tudo o que é inanimado descolora ao sol – mas o que é vivo ganha cor?” (AGUALUSA, 2005, p. 86). Além disso, sua própria raça passa a ser questionada diante da sua pele sem cor: “Branco, eu?! –, o albino engasgou-se. Tirou um lenço do bolso e enxugou a testa: – Não, não! Sou negro. Sou negro puro. Sou um autóctone. Não está a ver que sou negro?” (AGUALUSA, 2005, p. 18).

Fica claro, pela narrativa de Eulálio, que Félix desperta repulsa em algumas das prostitutas que leva para casa; em outras delas, causa estranheza, é visto com um animal exótico. Esse fato é tão significativo para Félix que faz Eulálio afirmar:

Creio – mais isto é mera suposição – que se apaixonou por ela assim que trocaram as primeiras palavras, porque a vida inteira o preparara para se entregar à primeira mulher que, vendo-o, não recuasse horrorizada. Quando

digo recuar, entendam-me, não é para ser tomado de forma literal. Ao serem apresentadas a Félix Ventura há mulheres que recuam realmente, dão um curto passo atrás, ao mesmo tempo que lhe estendem a mão. A maior parte, porém, recua em espírito, isto é, estendem-lhe a mão (ou o rosto), dizem, “muito prazer”, e a seguir desviam os olhos e lançam algum comentário frouxo sobre o estado do tempo. (AGUALUSA, 2005, p. 127-128).

Também Eulálio sofre: “Ficaram um bom tempo discutindo sobre mim, o que me incomodou, porque o faziam como se eu não estivesse presente. Ao mesmo tempo sentia que falavam não de mim, mas de um ser alienígena, de uma vaga e remota anomalia biológica.” (AGUALUSA, 2005, p. 18-19). O sonho que o persegue é de sua condição anterior de homem, mas é de sua atual condição também; condição essa que ele já não renega:

Detenho-me em frente às pessoas, falo com elas, sacudo-as, mas não dão por mim. Não falam comigo. Há três dias que sonho com isto. Na minha outra vida, quando tinha a forma humana, acontecia-me o mesmo com frequência. Lembro-me de acordar depois com a boca amarga e o coração cheio de angústia. Acho que nessa época era uma premonição. Agora é talvez uma confirmação. (AGUALUSA, 2005, p. 31).

Mas se Félix e Eulálio são desterritorializados que se encontram presos àquele ambiente por um meio físico e social que não os favorece, é também nele que eles se reterritorializam, reconstroem sua identidade. Eulálio diz: “A casa vive. Respira. Ouço-a toda noite suspirar. (...) Sinto, se as [paredes] abraço, um coração a pulsar. Será o meu. Será o da casa. Pouco importa. Faz-me bem. Transmite-me segurança.” (AGUALUSA, 2005, p. 9). Ao que acrescenta Félix: “Costumo pensar nesta casa como sendo um barco. Um velho navio a vapor cortando a custo a lama pesada de um rio. A floresta imensa. A noite em volta. – Félix disse isto e baixou a voz. Apon- tou num gesto vago os vagos livros: - Está cheio de vozes, o meu barco.” (AGUALUSA, 2005, p. 24).

É a partir dessas vozes, dos livros e documentos que coleciona, que Félix estabelece seu território e exerce seu poder de criar identidades, e assim, recriar também a sua. É ali que novas e velhas identidades são criadas, recriadas, desvendadas. É nesse território, ressignificado por Félix e Eulálio que se movem os demais personagens.

2. PEDRO GOUVEIA/JOSÉ BUCHMANN: TORTURA, EXÍLIO E IDENTIDADE ANGOLANA

O processo de reterritorialização de Pedro Gouveia é, na verdade, o que alinhava a narrativa: a identidade que se estabelece, a partir da intervenção de Félix Ventura, é aquela em que ele investe suas energias e, talvez seja ela a mais próxima à identidade possível para o personagem, em um processo de ressignificação do espaço de Angola.

O Pedro Gouveia que vemos pela primeira vez na narrativa é claramente um homem desterritorializado, sem identidade definida: “Não consegui pelo sotaque adivinhar-lhe a origem. O homem falava docemente, com uma soma de pronúncias diversas, uma subtil aspereza eslava, temperada pelo suave mel do português do Brasil.” (AGUALUSA, 2005, p. 16)

Ao longo da narrativa, passamos a conhecer o processo de desterritorialização pelo qual ele passou. Sua vida é a de exilado político. Sua condição de português por nascimento e angolense pela sua trajetória de vida o faz se sentir estrangeiro em terras portuguesas:

Saí da cadeia em mil novecentos e oitenta. Estava destruído, completamente destruído – fisicamente, moralmente, psicologicamente. Edmundo foi comigo ao aeroporto, colocou-me num avião e envio-me para Portugal. Ninguém esperava por mim. Já não me restava família lá, pelo menos conhecida, não me restava nada, a mínima ligação. (AGUALUSA, 2005, p. 191).

Ao sair de Portugal, espaço com o qual não se identifica, passa à condição de estrangeiro em diferentes países, fazendo pequenos trabalhos e, por fim, tornando-se fotógrafo de guerra:

Um dia um amigo ofereceu-me uma Canon F-1, que ainda utilizo, e assim me tornei fotógrafo. Estive no Afeganistão, em mil novecentos e oitenta e dois, do lado das tropas soviéticas... em Salvador, do lado da guerrilha... no Peru, dos dois lados... nas Malvinas, também dos dois lados... no Irão, durante a guerra contra o Iraque... no México, do lado dos Zapatistas... Fotografei muito em Israel e na Palestina. Muito. Ali não falta trabalho. (AGUALUSA, 2005, p. 81).

Nesse seu percurso, não há um processo de reterritorialização. Como exilado, imigrante compulsório não se estabelece em nenhum lugar, nenhum lugar lhe é significativo:

Comecei a trabalhar como repórter fotográfico e durante anos, décadas, percorri o mundo, de guerra em guerra, tentando esquecer-me de mim. Ganhei muito dinheiro, muito dinheiro mesmo, mas não sabia o que fazer com ele. Nada me atraía. A minha vida era uma fuga. (AGUALUSA, 2005, p. 191).

Assim, ele mesmo renega seu passado, buscando a reterritorialização no processo radical de tornar-se outro homem: “Tive muitos nomes mas quero esquecê-los a todos. Prefiro que seja você a baptizar-me.” (AGUALUSA, 2005, p. 18). Esclarece sua condição profissional, mas reafirma sua condição de desterritorializado no fato de que os locais em que esteve não deram significado à sua trajetória. Não os viveu, apenas os testemunhou: “Sou repórter fotográfico. Recolho imagens de guerras, da fome e dos seus fantasmas, de desastres naturais, de grandes desgraças. Pense em mim como uma testemunha.” (AGUALUSA, 2005, p. 18)

As mudanças por que passa Pedro Gouveia são profundas. Paulatinamente, ele vai assumindo sua nova identidade de forma tão visceral que provoca espanto em Eulálio:

Venho estudando desde há semanas José Buchmann. Observo-o a mudar. Não é o mesmo homem que entrou nesta casa, seis, sete meses atrás. Algo, da mesma natureza poderosa das metamorfoses, vem operando no seu íntimo. É talvez, como nas crisálidas, o secreto alvoroço das enzimas dissolvendo órgãos. (...) Refiro-me a alterações mais subtis. Em primeiro lugar está a mudar de sotaque. Perdeu, vem perdendo, aquela pronúncia entre eslava e brasileira, meio doce, meio sibilante, que ao princípio tanto me desconcertou. Serve-se agora de um ritmo luandense, a condizer com as camisas de seda estampada e os sapatos desportivos que passou a vestir. Acho-o também mais expansivo. A rir, é já angolano. (AGUALUSA, 2005, p. 59-60).

Com efeito, Pedro Gouveia passa por um processo de reterritorialização com seu retorno a Angola. Sua condição de exilado e seu passado continuam presentes, mas ele agora estabelece seu território, finca raízes nessa terra:

Dói-me na alma um excesso de passado e de vazio. Sinto-me um velho. Ergueu o copo: E todavia estou vivo. Sobrevivi. Comecei a compreender isso, por estranho que lhe possa parecer, ao desembarcar em Luanda. À Vida, pois! A Angola que me resgatou para a Vida. (AGUALUSA, 2005, p. 40)

O processo de reterritorialização de Pedro Gouveia é evidente na forma como se processa a sua nova vida em Angola. Ele se apodera dessa nova identidade, criada por Félix, processo que assusta Eulálio. Este comenta com Félix:

Você inventou-o, a esse estranho José Buchmann, e ele agora começou a inventar-se a si próprio. A mim parece-me uma metamorfose... Uma reencarnação. Ou antes: uma possessão. (...) José Buchmann, será que você não percebe?, apoderou-se do corpo do estrangeiro. Ele torna-se mais verídico a cada dia que passa. O outro, o que havia antes, aquele sujeito nocturno que entrou pela nossa casa há oito meses, como se viesse, nem digo de um outro país, mas de uma outra época, onde está ele? (AGUALUSA, 2005, p. 73)

E se tornando José Buchmann, na verdade, ele se reencontra com Pedro Gouveia. A gargalhada que chama atenção de Eulálio em José Buchmann: “a gargalhada larga e alegre insolência dos naturais do país” (AGUALUSA, 2005, p. 65) é a mesma que faz Edmundo Barata, antigo desafeto de Pedro Gouveia, quase o reconhecer: “No outro dia quase lhe reconheci pelas gargalhadas. Rias muito nos comícios dos fraccionistas.” (AGUALUSA, 2005, p. 178)

Todo esse percurso acaba por se concretizar em uma reterritorialização tão profunda, que a personagem afirma, no final da narrativa: “Hoje, sinceramente, até eu acredito. Olho para trás, para o meu passado, e vejo duas vidas. Numa fui Pedro Gouveia, noutra José Buchmann. Pedro Gouveia morreu. José Buchmann regressou à Chibia.” (AGUALUSA, 2005, p. 190). E é esse processo, e não a vingança, que acaba por trazer paz ao personagem: “Eu estou finalmente em paz. Não receio nada. Não anseio por nada. Acho que a isto se pode chamar de felicidade. Sabe o que dizia Huxley? A felicidade nunca é grandiosa.” (AGUALUSA, 2005, p. 194)

3. EDMUNDO BARATA: A POSSIBILIDADE DE SUBMETER O OUTRO

Edmundo Barata é, a princípio, a própria figura do desterritorializado. Em busca de confirmar a identidade de Edmundo Barata, Pedro Gouveia tira diversas fotos dele. Essas fotos, descritas por Eulálio, nos apresentam alguém que claramente perdeu sua posição de poder:

Assim, como aparece nas fotografias, vestido com uma camisa escura, em farrapos, na qual ainda se distingue, sobre o peito, uma foice e um martelo, e todavia de cabeça erguida, olhos acesos de cólera, lembra um príncipe antigo caído em desgraça. (AGUALUSA, 2005, p. 105)

E é Pedro Gouveia que o apresenta a Félix, como “o meu amigo Edmundo Barata dos Reis, ex-agente do Ministério da Segurança do Estado.” (AGUALUSA, 2005, p. 157). Ao que o outro retruca: “Ex-gente!, diga antes ex-gente! Ex-cidadão exemplar. Expoente dos excluídos, excremento existencial, excrescência exígua e explosiva. Em duas palavras: vadio profissional.” (AGUALUSA, 2005, p. 157).

É evidente o ressentimento de Edmundo Barata com sua nova condição, bem diferente da que vivia quando no poder: “Sou-Todo-Ouvidos. Era assim que me chamavam. Meu nome de guerra. Eu gostava. Gostava de ouvir. E então, zás!, caiu-nos em cima o muro de Berlim. Pópilas, paizinho! Num dia agente, no outro ex-gente.” (AGUALUSA, 2005, p. 158). Vangloria-se da posição que ocupava, justificando sua existência com a narrativa de sua trajetória:

Poucas semanas após a independência já o conheciam, amigos e inimigos, e sempre foram mais estes do que aqueles, como o senhor Sou-Todo-Ouvidos. Dois anos em Havana, nove meses em Berlim (Leste), outros seis em Moscou, e assim, temperado o aço, retornou à trincheira firme do socialismo em África. (AGUALUSA, 2005, p. 158)

Dessa forma, estabeleceu seu território a partir da construção de uma identidade fundamentada em sua posição ideológica. Mas, com as mudanças políticas por que passou Angola, essa identidade que equivalia a um espaço de poder passa a ser motivo de desterritorialização:

Um comunista! Acredita? Sou o último comunista a sul do equador... Aquela teimosia é que o perdeu. Transformou-se em poucos meses num estorvo ideológico. Um tipo incômodo. Não tinha vergonha de gritar – “sou comunista!”, numa altura em que os seus chefes já só murmuravam, baixinho, “fui comunista”, e continuou a bradar, “sou comunista, sim, sou muito marxista-leninista!”, mesmo depois que a versão oficial passou a negar o passado socialista do país. (AGUALUSA, 2005, p. 158)

Edmundo Barata mantém, no espaço em que mora, papéis que representam os processos de tortura dos quais participou: “Ali, naquele buraco imundo, havia um colchão, roupa suja, revistas, literatura marxista, e, acredita?, uma série de arquivos com relatórios da segurança de estado sobre dezenas de pessoas.” (AGUALUSA, 2005, p. 192). Sua identidade é ainda aquela de outros tempos. Ao manter esses documentos, ele está em busca de uma reterritorialização nas provas concretas do poder que exerceu sobre outros, na memória das torturas que impetrou. E é a partir dessas lembranças que ele pode ainda dominar Pedro Gouveia:

Não me esqueci de ti. Também não me esqueci dela, Marta, a jovem Marta Martinho, armada em intelectual, poetisa, pintora e sabe-se lá mais o quê. Estava grávida, no fim da gravidez, uma barriga enorme. Redonda. Redondíssima. Parece-me que estou a vê-la. (...) fui interrogar a rapariga. Ela agüentou dois dias. Às tantas pariu, ali mesmo, uma menininha, assim, deste tamanho (...). O Mabeco cortou o cordão com o canivete e depois acendeu um cigarro e começou a torturar o bebê, queimando-a nas costas e no peito. (...) O ex-agente da segurança de estado, esse, parece estar a divertir-se. A voz dele vibra, firme, gelada, no silêncio da noite. (AGUALUSA, 2005, p. 176-177).

Reterritorializa-se, portanto, Edmundo Barata, ao retomar sua função de torturador, sendo aquele que repete o ato, ao narrá-lo. Isso fica claro na confiança readquirida por ele, na certeza de sua ascendência em relação ao torturado diante dele mais uma vez:

Agora não me resta a sombra da dúvida. És ti mesmo, Gouveia, o fraccionista. No outro dia quase lhe reconheci pelas gargalhadas. Rias muito nos comícios dos fraccionistas, isso antes do cônsul, o teu patrício, te ter entregue nas minhas mãos. Na prisão só choravas. Choravas muito, bué, bué, tipo mulher. Olho esse choro e vejo o miúdo Gouveia. Vingança – era o que querias? Para isso faz falta paixão. Faz falta coragem! Matar um homem é coisa de homem. (AGUALUSA, 2005, p. 178)

Mas é Ângela Lúcia, filha de Pedro Gouveia, quem se insurge contra Edmundo Barata, não aceitando a posição de poder exercida por ele. É sua a vingança, matando-o com um tiro no peito.

4. ÂNGELA LÚCIA: A OPÇÃO PELO ESPAÇO FLUIDO

Ângela Lúcia é a que personifica o que Haesbaert chama de deslocamento por espaços fluidos. Ela renuncia ao poder e à possibilidade de controlar seu espaço. Seu território, no sentido de espaço simbólico-significativo, é o não-território: o espaço fluido. E o que vai caracterizar esse espaço fluido são “as relações, repulsões e atrações que formam um fluxo” (HAESBAERT, 2007, p. 310).

Nesse sentido, Ângela Lúcia escapa do processo de des-re-territorialização. Nos espaços por onde ela se desloca: “não só as fronteiras não são nítidas (e, em consequência, nem identidades, nem interior e exterior são distinguíveis) como os objetos que os produzem também não são bem definidos (...)” (HAESBAERT, 2007, p. 310). Diferentemente de Pedro Gouveia, seu pai e fotógrafo, ela não fixa em suas imagens conflitos humanos. Seu registro, que é de quem se recusa a categorizar seu trabalho, é do que é fluido: luz, nuvens, paisagens que estão sempre em mutação. Afirma ela: “Nem sequer sei se sou fotógrafa. Eu coleciono luz.” (AGUALUSA, 2005, p. 55).

A própria Ângela Lúcia define sua biografia pelo movimento que, ao contrário do nômade, não segue um percurso definido, não estabelece uma repetição contínua do movimento por espaços. É mais um movimento pelo movimento, pelo fluxo e pelos encontros:

Seria possível resumir toda a sua biografia, disse, em apenas cinco linhas. Nasceu em Luanda. Cresceu em Luanda. Um dia decidiu sair do país e viajar. Viajou muito, sempre fotografando, e finalmente regressou. Gostaria de continuar a viajar e a fotografar. Era o que sabia fazer. Não havia na sua vida nada de interessante excepto as vidas interessantes de duas ou três pessoas que encontrara no caminho. (AGUALUSA, 2005, p. 126-127)

Esse fluxo que caracteriza o espaço fluido está presente na descrição que faz dos lugares por que passa. E o significado do espaço está exatamente na sua mutabilidade, no seu movimento:

Cheguei num velho ônibus. Caminhei um pouco, com a mochila às costas, à procura de uma pousada, e dei com esta pracinha deserta. Entardecia. Uma tempestade tropical formava-se a oriente. O sol corria rente ao chão, cor de cobre, até bater de encontro àquela imensa parede de nuvens negras, para além dos velhos casarões coloniais. É um cenário dramático, não acha? – Suspirou. Tinha a pela iluminada, os belos olhos rasos de lágrimas. - E então vi o rosto de Deus! (AGUALUSA, 2005, p. 56).

Podemos concluir, portanto, que o processo de globalização associado ao fenômeno do pós-colonialismo resultou em uma realidade social, política, econômica e cultural que traz grandes desafios no que se refere à identidade, principalmente à chamada “identidade nacional”. A apropriação de um espaço, que antes delimitava o território nacional e servia de base para a construção dessa “identidade nacional”, sofreu grandes transformações com novas conformações.

O que antes se via como “território”, estabelecido e mantido por meio de um poder estatal, vem sendo flexibilizado e alargado pela mobilidade própria do processo de globalização a que todos estamos sujeitos hoje. Assim, mais do que definir territórios estanques, o homem de hoje se vê na condição de alguém que precisa reterritorializar-se a cada novo processo de desterritorialização por que passa nas relações de poder a que está submetido.

Nesse sentido, Agualusa em seu romance *O vendedor de passados* busca problematizar essas questões essencialmente contemporâneas, a partir da trajetória de seus personagens e da relação que estes estabelecem com o espaço que ocupam na sociedade. Assim, acreditamos que estudos como esse podem ser ponto de partida para refletirmos não só a respeito da realidade social da Angola, mas também a respeito de nossa própria realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUALUSA, José Eduardo. *O vendedor de passados*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

MATA, Inocência. *O pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa*. In: Congresso Internacional da ALADAA (Associação Latino-Americana de Estudos de Ásia e África), 10, 2000, Rio de Janeiro, Anais... Rio de Janeiro: UCAM, 2000. Disponível em: <<http://biblioteca-virtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/mata.rtf>>. Acesso em: 15 jan. 2011.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Notas sobre identidade nacional e institucionalização da Geografia no Brasil*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991, p. 166-176.